

A materialização do amor

por Miguel Barbosa

[NOTA DO AUTOR: A Quarta Dimensão como materialização de uma ideia, do Amor, é a sua generalização subjectiva numa lei universal. O universo, deste modo, é uma sucessão de pensamentos e de ideias materializadas e materializáveis que de puramente subjectivas se objectivam e que existe por si próprio fora da mente que o criou e materializou. Uma ideia nasce, cresce, cria forma, corpo, matéria, vive e haverá tantos universos e mundos como ideias ou pensamentos pelo que uma mente pode objectivar o seu mundo ou materializar-se nele como que imprimindo a sua marca no universo que a rodeia. Qualquer universo será tanto mais ou menos materializável quanto se aproxima do seu ponto de simplificação, centro de qualquer generalização em espécie ou em número ou em genes. Destruir uma mente é destruir um sem fim de universos, destruir um pedaço da Natureza que é o fruto de uma ideia universalizada na sua materialização.]

Os cenários são o próprio teatro, em todo o seu conjunto e espaço funcional, aberto ao mais diversificado público sem qualquer discriminação de lugares. Para que, no entanto, isso não dê azo à impressão ingénua ou capciosa de inferir que ali as diferenças sociais acabaram, chama-se a atenção para a realidade que, apesar de escamoteada, até exteriormente continua a dar nas vistas. Que mais não fosse, bastaria observar à nossa volta as tão diversas e significativas maneiras de vestir, o que neste espectáculo será caricaturalmente frisado por figurantes em “travesti”, espalhados por entre os espectadores, e os quais tanto envergam os últimos gritos da moda como avoengos modelos. Becas, togas e fraques, cocos, cartolas, “smokings” e vestidos de rabão emperdigam-se frente às mais humildes fatiotas. Os pechisbeques em farpelas dominigueiras irritam as peles e as jóias milionárias. “Unisexos” de passeio e “maxis” e “minis” de salão escarnekem caquis andarilhos e bombazinas coçacadeiras. “Encadernações” catitas, “cenários” espampanantes, “tapa-misérias” de ver a Deus e a cheirar a naftalina marginalizam gangas rufias, desbotadas à força de lixívia, remendadas, ou pseudo-remendadas, com flores, bonecos e emblemas, nos seios, nádegas e sexos. O exotismo revisteiro de alguns negros moicanos desafia a mais jovial garridice das ciganas. Bailarinos, vestindo fardas estilizadas de militares, padres e polícias, desfilam pelas coxias e fazem “strip-tease”. Um adão e uma eva acrobatas e malabaristas, enroscados numa serpente-trapézio e equilibrando uma maçã faiscante, mimam a cena bíblica em que o Homem pela primeira vez corou de pudor. Três trogloditas disputam em encarniçada luta a pele com que um deles se agasalha. Surge um quarto troglodita, armado de cacete, o qual, dominando os outros, se apropria da pele, vitorioso. Em contraste com todo este carnavalesco guarda-roupa da cena quotidiana, não faltam pessoas trajando com sentido prático e natural bom-gosto—qualidades que, todavia, pouco ou nada adiantam àqueles que, para tapar-se do frio e da vergonha, só têm míseros

trapos, caso de alguns estropiados farrapilhas a quem foi permitido entrar para pedirem esmola. Em contrapartida, assinala-se a revigorante presença de homens e mulheres vestindo os fatos do trabalho que assegura a subsistência e o progresso da luta contra a exploração. Os actores ocupam também indistintamente quaisquer lugares do palco e da assistência, isto com o único intuito de que o espectáculo, o menos formalizado possível, seja por todos vivido com as maiores possibilidades de participação. Mas o engano alienatório a que este e outros alardes de homogeneidade fictícia poderiam induzir o espectador incauto, ou mais propenso à ilusória distração, será afastado através de "posters", projecções e gravações vincando antagonismo da vida real entre exploradores, nababos cruéis, e as suas vítimas, ganhões oprimidos, revoltados, por vezes doentes, inválidos ou contagiados pela miséria dos vícios da burguesia corrupta. A peça, tendo pois começado com o espectáculo da realidade que é a própria assistência ali caracteristicamente marcada nas suas contradições sociais, ir-se-á nesta base ambientando para a implantação do tema e o desenrolar do enredo dramático. Cada espectador, que directa ou indirectamente é ao mesmo tempo actor mantendo a lúcida consciência da sua situação na vida real poderá ajudar a realizar o espectáculo, em que um dos presentes se destaca, em cada sessão, para assumir o papel do novo Narrador da história central do drama, revivida, ou então inventada (como se ali se materializasse a aspiração de a viver) com o testemunho e a participação de todos. Assim, esta história inicial, aqui escrita para a primeira representação em público, não passará de um simples exemplo, propositadamente escabroso, maneira de pôr à vontade o espectador a fim de que ele também conte a sua história, já vivida ou a que desejaria viver, quem sabe se no ódio recalcado ou ansiosamente pretendida e ambicionada, a atormentar-lhe a memória ou a acicatar-lhe a imaginação insofrida.

O objectivo é de que o espectador NARRADOR recriando ou inventando, reconstituindo ou desmontando, em público, o seu drama ou qualquer incidente dramático da sua vivência, ou imaginativa, procure libertar-se da corrosiva ressaca dessa experiência ao confessá-la a quantos possam beneficiar com a verdade dos factos e se disponham à entreadjuada de um estimulante estudo, simultaneamente lúdico e cultural assente no solidário propósito de cada um contribuir para a transformação e dignificação pessoal e da sociedade, melhorando-a. Por outro lado, procura-se através de uma prática de teatro a todos acessível, contribuir para o conhecimento da realidade e estimular a crítica social. A essa luz as concepções e o comportamento do NARRADOR devem ser ampla e desassombadamente debatidas e analisadas, a exemplo de todo o homem que carece de ganhar consciência do seu poder, direitos e obrigações para com os outros e com a Natureza, a fim de conquistar o domínio da vontade e desenvolver as suas capacidades, com vista a realizar-se digna e feliz, no derrube dos maquinismos da sociedade que conduzem ao individualismo, ao ocultismo, à mentira, à ganância e às aberrações tecnológicas e que impunemente fomentados, arrastariam os maiores males, degradações do próprio homem e do seu ambiente e toda a espécie de misérias. A fim de se entender a razão dos teatrais conflitos expressos pelo Narrador e o seu Ego,

há que estudá-los não só psicologicamente mas nas suas profundas raízes sociais e universais, condição indispensável para se lhes procurar a mais correcta solução, num combate sistemático à mentira e num apelo constante à solidariedade e aos direitos da Natureza para a defesa dos justos interesses comuns. A luz, a cor, a música, terão vida própria em cada espectador, que os reflecte, emana e irradia através dum sistema de fios ligados ao cérebro permitindo-lhe ver as próprias emoções, com o seu cunho autónomo, projectadas num painel caleidoscópico-sinfónico a cobrir todo o tecto e a integrar-se esteticamente no decurso do espectáculo por meio de maquinismo electrónico adequado. O correcto funcionamento destas e outras possibilidades concedidas aos espectadores pressupõe uma natural autodisciplina com a ajuda dos exemplos e instruções prestadas por figurantes, actores e outros elementos mais responsáveis pelo espectáculo, sempre atentos e deslocando-se pela sala consoante as necessidades.

Mercê dessa intercomunicação reflexa ninguém se individualizará no fruir das suas íntimas sensações, nem afundará em recônditos remorsos e angústias; bem pelo contrário, revivendo ou antevivendo, na presença de todos, um drama particular, o espectador desafiará preconceitos, inibições e fatalismo, e ganhará, no calor da solidariedade ali experimentada, a confiança em si e em todos aqueles que conjugam esforços para a materialização do Amor: o Bem da Humanidade em interpretação consciente com a Natureza e o Universo.

Se, como a Terra, o cérebro é formado por camadas estratificadas e por elas se pode calcular a dureza, intensidade, força, idade e as propriedades dos materiais que o compõem nas diferentes zonas, as nossas memórias são os fósseis que o povoam e do seu conhecimento poderemos traçar as cartas geológicas da evolução e tendências do Homem. Impressionando as suas diferentes camadas—as zonas sensíveis—encontraremos o fosso vulcânico da Terra ou atingiremos o seu apogeu e perigeu. Se num grão de pó de LSD se condensa todo o Céu e toda a Terra e na simples molécula de vida há um mundo tão grande como a Natureza que a construiu, no nosso cérebro há um sem-fim de galáxias. É preciso descobri-las em cada um de nós, porque isso nos leva ao mesmo infinito que o exterior que nos cerca. Pretende-se, portanto, que o espectador seja não só o assistente, mas uma espécie de prisma inteligente onde grave a luz das ideias, que por ele incidem e passam e se projectam no espaço, simplificadas pela razão subjectiva da sua visão receptora-emissora. Haverá, para isso, ajudas com ondas eléctricas e toda a sorte de estímulos e sugestões convenientes, que aqui ficam apenas esboçadas, já que a preparação e montagem do espectáculo deverão obedecer a um plano de trabalho colectivo que ligará ao encenador sociólogos, psicólogos, psiquiatras, filósofos, ecologistas, metodólogos, linguístas, escritores e artistas plásticos, futurologistas, incluindo técnicos de transmissão de pensamento, de levitação, etc., além dos próprios espectadores que queiram colaborar com as suas ideias, antes, durante ou depois do espectáculo.

Em todas as sessões do espectáculo (subordinadas sempre ao mesmo tema—A Materialização do Amor—), a cada uma das quais poderá corresponder uma peça diferente, haverá uma figura essencial, centralizadora da acção do

espectáculo e que é directamente representada quer por uma Voz de Ressonância Cósmica, quer pelo Narrador, desdobrado no seu Ego (projectão, sombra, fantasma, simples voz ou outro actor, complementar do Narrador e a ele geminado) ou contraposto por Alter.

O Narrador e o Ego poderão ser actores com prática e previamente ensaiados (sê-lo-ão necessariamente nesta peça preliminar que, destinando-se apenas ao primeiro espectáculo, será um exemplo do que se pretende nos que se lhe seguirem), caso os próprios espectadores, não querendo narrar a sua história, os tenham incumbido de eles a contarem. Se o Narrador é um espectador improvisado em actor, pode também ensaiar minimamente a sua representação teatral se der conhecimento prévio dessa intenção à equipa responsável pelo espectáculo.

Ainda no caso de o Narrador ser um espectador sem ensaio prévio, não seria praticável o seu desdobramento em Ego, que nesta circunstância será vantajosamente substituído por Alter—actor e intelectual experimentado que contracenará com o Espectador equilibrando a narração deste e aproveitando-a convenientemente com a técnica psicológica dum entrevistador-mediador que coloca questões e sugere hipóteses, enquanto se pronuncia acerca das ideias e comportamento-depoimento do interlocutor, à luz duma correcta crítica social, e tendo em vista os objectivos lúdicos, didácticos e culturais do espectáculo.

As outras figuras, eventuais protagonistas do enredo, serão apenas aludidas ou indirectamente assumidas pelo Narrador e o Ego (ou o Alter) sempre que o tema e entrecho do drama não tenham sido dados a conhecer a tempo de possibilitar que essas figuras sejam minimamente ensaiadas com o auxílio da equipa técnica e científica encarregada da preparação e montagem da peça. Nesta primeira representação, meramente paradigmática, as principais figuras (directamente personificadas, ou não, por actores), entre outras que devem ser propostas pelos superintendentes responsáveis, são além da totalidade dos Espectadores, do Narrador, do Ego e/ou do Alter, as seguintes: M., Mãe de M., Pai de M., Agente da Polícia Política, Amigo.

A peça, que não será dividida em “actos”, também não será marcada por um “fim”, deixando no espectador o anseio de continuar a acção de materializar o amor na rua, em casa e no seu local de trabalho. E o ambiente de loucura, desespero e alucinação, —em que o próprio mobiliário e adereços terão vida própria, desejos e sexos, movimentando-se, interpenetrando-se, confundindo-se e possuindo-se até, mas de acordo com as situações e orientações do Narrador como se fossem robots—caracteriza o homem achincalhado no seu orgulho individualista e decepcionado por uma vida de desvairo sexual. Produto decadente de sociedade corrompida na exploração do homem pelo homem, essa vítima debate-se, em delirante conflito, entre o autodestruir-se, rendida às mais abjectas paixões, e o libertar-se e reabilitar-se lutando pela transformação de si própria, da sociedade e do espaço através da materialização do Amor.

NARRADOR (ricaço quarentão, devastado por uma vida de excessos, agora repudiada, ora com lamúrias e fumos de remorsos e saudade ora com lampejos

de revolta): No aberto convívio para que nós todos aqui viémos, uns perante os outros e cada um frente a frente com o seu Ego . . . (passa a escutar-se o eco das palavras seguintes): a minha atormentada consciência, drogada por um destrutivo amor, vénus corroída no vandalismo do tempo e miséria moral, transborda . . . e escorre-me da boca na raivosa baba da descrença com que a oiço falar de mim nestas palavras.

EGO (ressonância longínqua): A tua consciência, afinal, sou eu: sou eu, o teu eco, o teu Ego, que anda perdido, a querer reencontrar-nos.

NARRADOR (estendendo os braços para Ego, que surge do escuro, da distância): É, como vêem, a história do meu próprio fantasma que eu venho aqui narrar. Não posso já guardá-la secreta nas fronteiras cheias de algodão da burocrática memória onde a arqueei, porque quanto mais tempo passa mais verdete ela cria no meu cérebro e veneno no meu sangue.

EGO (une-se ao Narrador, geminando-se-lhe, costas com costas): Pois eu não mais quero ser o metafísico fantasma . . . mas o teu Ego, lúcido, real. Repudio a confusão das tuas ideias, a poeira das tuas lembranças. E reivindico, a partir de agora e para sempre, a responsabilidade—não sei se a culpa—dos vícios em que tombaste e ainda chafurdas, (troquista) meu choramingão Narrador. Mas vou-te combater e desmascarar! Corajosamente o faço, sem pejo, porque estou apostado em não mais continuar a ser ao mesmo tempo a vítima e o vitimador e porque não consentirei que o gosto de nos vires falar dos teus narcisistas prazeres, com esse travo picante de revista mundana e saudade lambareira, seja apenas o sabor de um fruto amargo (rodopiando num gesto largo dirigido a todo o público) para saciar a vossa curiosidade e sede de diversão . . . É que vamos desnudar aqui a nossa vida e pôr a descoberto um tumor fétido e repugnante da verdade para, sem hesitações, o retalhar o bisturi da ciência.

NARRADOR (envergonhado e trémulo): Sim, um dia . . . um dia, lembraste? (Abana Ego) Lembraste?, bem mais perto e ao de cima no ficheiro da lembrança do que eu o desejara, até fui apedrejado pelas mulheres dos pescadores dessa praia de veraneio, esfomeada nove vezes no ano, aburguesada e sofisticada nos outros três meses, onde eu dava banho ao desfastio.

EGO: Necessário retempero para tão frenéticos prazeres!

NARRADOR: Não ligava ainda a fúria das mulheres do povo à rapariga que amava, nem via que ela fazia então de turista e se demorava a encher os olhos com o sexo dos pescadores. Mas, para não passar a pé pelo bairro deles e mais depressa e mais tempo a reter nos meus braços e na minha cama, eu ia buscá-la muitas vezes de carro, ainda que fosse só para andar uma centena de passos. Porém, enquanto a vestia, a despia e endeusava, ela ia-me cercando, enrodilhando entre a peçonha entorpecente da mãe e a chantagem pidesca do pai.

EGO (confirmando): Era a mim que, fruto seco mas apetecido, ela ia apertando noite a noite, dia a dia num gigantesco quebra-vontades, em que fiquei dilacerado e tolhido.

NARRADOR: E eu não o fui! Não foi a mim que um dia as mulheres dos pescadores, barrando as portas à minha passagem, cuspiram na cara a baba da sua raiva e aversão amassada como a bosta ressequida e salitrosa das soleiras onde, ensanguentadas, estripavam o peixe com o rancor acumulado pelos lobos do mar na sua rude faina de explorados? (Aterrorizado) E empunhando tesouras e facas e a ataçarem os cães, lançaram-se mais a filharada sobre mim, numa chuva de escamas, pedras e ameaças.

EGO (reflectindo): Porém, muito pior do que ter sido alvo de todo esse temporal que inexplicavelmente desabava sobre nós e crescia a levantar-se-nos debaixo dos pés em ondas de raiva, mais doloroso ainda, era eu não encontrar uma explicação para tal ódio. Interrogava-me angustiadamente: Por que motivo a minha presença enfurecia com tal asco e repulsa aquela gente pacata? Seria a minha rotundidade de vela enfunada que o vento quebra de raiva assassina, presságio de supersticioso desastre, ou porque me viam como gorda ironia na miséria magra dos dias sem peixe? E por que não o súbito exarcebar de um ódio de explorados que se abatia sobre um inofensivo burguês, a embolia que entrava no coração e no sangue daquele bairro dos pobres trabalhadores do mar? Confundiam-me talvez com algum bufo sósia, explorador mercenário da desgraça? E se me tomavam por um gigantesco polvo de nove sexos violador de crianças? Que maldade, que ignorância ou feroz estupidez me perseguia?

NARRADOR: É verdade, sofri muito. Fui eu a quem feriram mais. Como até então nunca pensara ser a “mouche” viva para um arpão de baleote! . . . Sofri o rasgão do enferrujado ódio mas muito mais pensei que faria sofrer. O medo que me fez fugir desejaria torná-lo em orgulhosa cólera que exigisse a reparação sangrenta, o feroz extermínio. Confesso que me chegou a passar pela cabeça envenenar com um infalível remédio mesmo da mais modesta tecnologia química todos os cães do bairro dos pescadores, mas receei que morressem todos os donos e não apenas os que me ataçaram as feras.

EGO: Retalharam-me muito, muito, é verdade! Mas não senti coragem para libertar a minha enjaulada raiva assassina e massacrar ainda mais do que eu os meus algozes.

NARRADOR: Só mais tarde, quando já conhecia toda a verdade das noites de pesca adúltera e me atrevi a passar o secreto filme das recordações, escondido nos escaninhos da memória, só mais tarde, apodrecida a alma que como um fruto jazia inteira e fechada numa garrafa de aguardente, reconheci que, afinal, tinha até suportado com razoável estoicismo aquela fúria que nada valia comparada com o exaustinado exaspero de não poder fumar a realidade, de não poder envenenar, como aos cães, a verdade crua e nua.

EGO (justificando): A mais que cega vaidade não permitia ver-me como vítima de tão inconcebível traição, e só quando já era de todo impossível ignorar a verdade, fingir no sonho desconhecê-la ou recusar com desdém aceitá-la, só então é que, caído totalmente no vácuo, senti o contágio do maior cancro do mundo: a mesma abortada raiva com que aquela danada mulher-cadela tanto

e tanto mordera a minha vida . . . (caindo em soluços), e me trazia preso no tempo e nos dentes de uma roldana de relógio onde o meu amor se esfarrapava em tique-taques de angústia cronometrada . . .

NARRADOR (no pieguice de um saudoso pranto): Amei-a tanto, tanto e tão cegamente, que quanto mais a olhava, embalado no bordulhar do meu sangue, tanto mais me encandeava no pirilampejar do seu encanto, a menos deste modo a conhecia!

EGO (recompondo-se; com dignidade e ironia): O amor carnal é isso meu filho: um mergulho de barriga à superfície. Só o sentimos, como sarna ou brotoeja e pouco mais fica do que a comichão que nos faz coçar . . . friccionar a pele . . . (Projectção faiscante de um risco móvel a alastrar e apagando-se gradualmente num crepúsculo sangrento) Vejam o que apenas me resta dessa mulher, do seu amor . . . (aponta o risco).

NARRADOR (chamando para si as atenções): Não do meu . . . do meu amor! . . . Do meu malogrado amor!

EGO (encolhendo os ombros): Tanto a desejo quanto me esforço por apagar a sua pessoa e a sua imagem neste papel que vivo e represento. De tudo só me ficou esta sensação . . . ainda hoje, mesmo assim, dolorosa, confesso . . . mas em que Ela, a acção e o drama se misturam, diluem e reduzem, numa simplificação de tal modo candente e linear, que já não sei destrinchá-los. Apontando o risco, que ressurge, cresce e se move luminoso) Ela é como esse traço que sangra, rasto de dor fumegante na minha existência e, no meu cérebro, marca fóssil radioactiva, a sintetizar um ser na sua universalidade dimensional . . . e, condensando neste momento, de simplificação, tudo o que a passagem dela pela minha pessoa deixou de espacial no meu subconsciente. Hoje para mim, Ela—que já ofuscou, resumiu, todos os rostos das giocondas deste mundo—não é mais um ser igual a nós, mas o limite para que tende o meu ódio e a minha dor. Embora deixasse de constituir um mítico objecto do meu culto, ela subsiste ainda como símbolo do que é negativo.

NARRADOR: E dos motivos que, como lepra, fazem de certas vítimas os fautores de novas vítimas, numa progressão terrivelmente devastadora.

EGO: Dela, pois, que viveu e, por contágio e feitiço ainda continua em mim, generalizo este símbolo daquilo que não era realmente o amor, experiência de quando eu o procurava, sem o materializar, arrastado, à rédea solta, pelo sexo e pelo instinto e chicoteado pela tirania do vício . . .

NARRADOR (interrompendo): Sob a tirania do vício mas sobretudo, (com ênfase) sob o vício da tirania! Por que não o dizer? Sabes bem, meu Ego, que o vício da tirania é o primeiro e o principal responsável por toda e qualquer outra tirania dos vícios. E tu . . . tu tens culpas abertas e reconhecidas no cartório.

EGO: E tu queres é desculpar-te. Mas deixa lá, dou-te razão: essa mulher foi, primeiro do que eu, vítima, sim, da minha cerebralizada, tirania . . . (Levantando a voz) só porque eu não a conquistei senão com o fascínio do teu poder,

senão com o suborno do teu dinheiro; sim, dizes bem, ela foi por ti tiranizada, mas apenas porque eu a não soube libertar do monstruoso falo que és e te subjuga machistamente!

NARRADOR (encolerizando-se): E foi assim que eu acabei por ser a vítima, não apenas dela, a quem tanto amava, mas primeiro e sobretudo a vítima, a primeira vítima, de ti, carrasco, que toda a vida me tens atormentado, me criticas e dizendo querer salvar me destróis, te enojas de mim e nunca me ajudaste a recuperá-la—se houve algum momento em que ela era ainda recuperável! (Procura Ego, que, colado ao Narrador, costas com costas, lhe agarra os braços. Narrador, em rodopio com Ego, consegue desprender um braço, mas não podendo atingir Ego, dá uma bofetada em si próprio. Estacado, acusa, solene) Sempre vítima de ti, Ego . . . egoísta! Tirano censor dos meus actos, crápula fumador dos meus gestos, és afinal o mais laçao dos tiranos que tenham mais dinheiro que tu. Sim, porque eu sempre que comprava (ou também, me vendia), era pelo lucro puro do prazer carnal . . . mas já tu, antes me tinhas hipotecado o juízo e a consciência. Sim, não disfarces! Não cores! Um dia até me quiseste tranquilizar com um negócio, rezado e assinado sobre a Bíblia Sagrada, e que consistia em eu vir a ganhar, como sempre só depois de morto, o céu com todos os milhões de estrelas de ouro, na venda fantástica e a retallho dos mais puros carates da minha alma.

EGO (já com serena dignidade): Do choro e da ira passaste agora ao sarcasmo bonacheirão! Tudo isso, afinal para tentares fugir ao dever que assumiste perante toda esta gente que deu, generosa, um pedaço de tempo da sua vida vindo aqui hoje ao teatro. Mas eu te obrigarei a continuares comigo a narração do que foi para ti essa mulher, um fóssil coprólito para sempre incrustado no centro vital do meu cérebro. Cruciante símbolo de tantas outras mulheres, como essa desgraçada, apodrecido produto desta sociedade corrupta e de consumo em que vivemos, da qual eu sou também vítima, mas vítima consciente de ter sido, antes e depois, um criminoso responsável. (Repete, silabando) Res-pon-sá-vel! Enquanto tu meu outro eu contraditório, atraindo na prática a natureza e a consciência da nossa unidade, queres passar agora por uma ingénua vítima sem culpas . . . e atreves-te a vir aqui mendigar só compaixão, nessa choradeira da tua i-rres-pon-sa-bi-li-da-de! (Rodopiando com Narrador colada à suas costas, Ego, desembaraça-se dos braços do outro e consegue por fim enfrentá-lo, dominando-o fixamente nos olhos) Miserável falsário do meu pensamento e violador dos meus ideais! Ladrão e vendilhão da energia do meu espírito! E cobarde explorador das minhas e alheias fraquezas! Traidor que já me envenenaste o sangue e queres continuar a endoidar-me o juízo! (Ego tem vindo a agarrar Narrador pelos pulsos, que lhe oferecem resistência, mas consegue torcer-lhe os braços. Dominado a custo, Narrador verga primeiro o pescoço, depois o tronco, por fim, as pernas e, de joelhos, cai a soluçar. Ego cospe-lhe o rosto.) Vergonha da minha cara! (Depois de alguns momentos de parado silêncio, para Espectadores) Desculpem! Anda, conta-nos a intoxicada história desse estupefaciente a quem chamas mulher . . . sem lembrar, no entanto o seu nome, que este lábios nos mais

ardentes beijos e rezas tantas e tão avaramente sorveram. Mas agora não há sequer que atribuir-lhe o nome, o rótulo, ou a marca de qualquer produto ou de uma outra mulher. Já não é a vantagem de a esconder do mercado nem o medo de a revelar aos concorrentes. Apenas ela, hoje, para mim, deixou de ter cara . . . é o rasto de uma estrela cadente, fumo de feitiço de bruxa. E não tem nome . . . é o silêncio, pesado no eco e na balança do tempo. Chamemos-lhe apenas M., peço-lhes (Na silente escuridão absoluta incendeia-se, em trajectoria fluorescente, um imenso M. Momentos depois, reacendem-se pouco a pouco as luzes e Narrador, tombado, ergue-se da treva com a ajuda de Ego e ficam, na auréola de um sol intenso, presos em demorado abraço.)

NARRADOR (coloca-se humildemente atrás de Ego colando-se-lhe costas com costas e braços entrelaçados. Recomeça com timidez e relutância a narração, mas, a um gesto de Ego e cobrando o fôlego, acaba por despejar as palavras como quem vomita um insuportável e repugnante segredo): Certo dia um amigo, ou inimigo, —ou foste tu?—, sei lá, veio dizer-me que M. juntamente com a mãe, na praia onde veraneavam todas as futilidades e caprichos, se vendia, por alto preço e muito baixo vício, a quem pagasse em alquimias de ouro, ou pedras preciosas ou num simples passeio de traineira, a satisfação breve dos seus recalçados desejos . . .

(Projeccão súbita de faísca silvando de uma boca humana. Cresce, multiplica-se, divide-se, salivando labaredas que dão a sensação infernal de invadirem todo o teatro, enquanto uma língua enorme babando sangue e uns dentes arreganhados em sorriso podre parecem lambe e ameaçam morder, numa orgia de sadismo e gula, cada um dos espectadores.)

BOCA HUMANA (passa do ronronar cioso às gargalhadas histéricas, da imprecação achincalhante ao choro convulsivo): Sou eu . . . a prostituta . . . encapuçada! . . . a prostituta que te lambe o sexo . . .

EGO: Mulher sem nome, mulher sem cara, M. passou a ser para mim mulher sem corpo, feiticeira sem sexo . . . e apenas a cloaca das minhas dejecções saudosistas!

NARRADOR (encolhendo os ombros, em natural aceitação): É uma prostituta! . . .

EGO (rouquejando asco): É uma prostituta, a disfarçada meretriz amadora, uma qualquer! Bruxa sem sexo, nem diploma . . . Corpo sobre corpo, feixe de ventres em que só o meu se afirmava na inteira função. Fundido nela, era afinal o meu corpo que se agarrava ao fumo da sua própria ilusão . . .

NARRADOR (explicando-se): Era já o meu corpo entrando noutra peçonhento corpo que se desdobrava multiplicado num espelho . . . sem cara, sem nome, só vagina . . .

EGO: Levanta a cabeça, Narrador, e olha bem para mim, a veres quem és tu! . . . Que existes. Para veres o que há em mim ainda válido em ti!

NARRADOR: Tu és como a prostituta . . . (alucinado). E é ela que está dentro de mim, não tu, tu és a puta vingativa, corrosiva que não mais me deixou!

(Surge um par de Bailarinos de sexos opostos que, mimando cenas de prostituição, fazem “strip-tease” e feitiçaria, acabando por revelar-se ambos do mesmo sexo. Continuam mimando gestos de amor em que o dramático e o irreal se sobrepõe ao grotesco da situação. Começam por se atrair e repelir até que ficam por momentos enlaçados, após o que um deles repudia o outro em exorcismos e o mesmo afã que o tinha atraído. Fica sozinho em cena. Veste-se de rameira, em saracoteios aberrantes.)

VOZES (risos, assobios, impropérios e chufas): É também uma prostituta: És mais uma prostituta! (Para espectadores) E entre vocês quantos não haverá aí também de prostitutas e prostitutas ...

(Entre a algazarra ouve-se o trinar de guitarras e um apelo insistente)

Silêncio: Silêncio, que se vai cantar o fado, o fado prostituído! (mais uma voz ataca) És uma rameira! A guitarra que passa de mão em mão. Silêncio! Silêncio, deixem cantar o sexo! ...

(Sobre fundo musical, de guitarras e violas, o bailarino-travesti declama ou canta, entre arrogante, sarcástico e dolorido):

Sim sou eu a prostituta
A do fruto poluído
Comprado por quem . . . disputa
quem lho vendeu já comido
Ventre muito apetecido
De que todos dizem mal
Depois de terem caído
No seu próprio chavascal
Sim sou eu a prostituta
Do malmequer desfolhado
Que vai reger a batuta
Do que não é mais contado

Sou a mulher necessária,
Para todo o comprador
Que me paga a ordinária
Moeda do seu amor.
Sou a noitada que engata
O encapuçado doutor
Que nunca tira a gravata
Para fazer o amor
Sou a pauta violentada

A quem chamam nota má
Por ser igual sendo vária
De quem solfeja o que dá
Sou o juro, necessário,
Do rentável capital:
Ganho à hora extraordinária
Pediculus do matagal.

(projecção de uma mancha de sangue que se abre em vagina, alonga em falos e arredonda num imenso óvulo abortado entre o tinir duma chuva de moedas e o resfoigar de respirações opressas em actos de satisfação sexual.)

NARRADOR: Não podia, não queria acreditar, gritava para mim mesmo que não devia ser verdade. Arrostei corajosamente a dúvida, temendo cobardemente a verdade, enquanto sofria a impotência de dissipar a incerteza . . .

EGO: Até que aceitei e te impus o desafio.

NARRADOR: Bem sabes que andei de casa em casa, perdi-me de pessoa em pessoa, a tentar conhecer uma testemunha directa da certeza a que paradoxalmente fugia. De início ameacei, mas, humilhado, acabei por abrir-me, terra ressequida que se rasga em pranto, suplicando que me dissessem, por Deus e por tudo, não ser possível. E no momento em que a verdade ia jorrar, viva e fresca da fonte, depois de tão sequiosa e estoicamente a ter demandado, (soluçando) eis que desejei mil vezes que a mentira—tábua salvadora a que me agarrava, num mar de tenebrosa estupidez—me embalasse em falaciosa ingenuidade e hipócrita ignorância. A verdade, essa aparecia-me agora insuportável, seca e sinistra como um raio da morte.

EGO (sacudido): Mas na hipocrisia cobarde, ainda que consoladora, não encontrava o porto de salvação . . .

NARRADOR: Talvez, mas preferi a anestesia de auto-sugestionar-me. Admitia que M. se prostituísse com quem ela entendesse e melhor conviesse à sua insaciável glande, mesmo que fizesse afocinhar na lama, desde que me reservasse um lugar de privilégio, de puro e desinteressado amor, bem dentro do seu coração. Desde que me entregasse, sempre que eu quisesse, o seu corpo felino, num impulso de sádico e espontâneo prazer.

EGO (revoltado): Como me enganavas, Ilusão, mais traidora ainda do que essa maldita mulher! Pior do que ela, só tu, hipócrita Ilusão esvaída em fumo de marijuana, poderias continuar a mentir-me, arrastando-me no curral do vício. Ela e a mãe e, mais tarde também o pai, que surgiu como a onipotência do mal no momento cruciante, sugaram-me o corpo e a alma, o sangue, e fumaram-me a razão . . . lembraste, maldito?

NARRADOR: Porque me atacas quando, crucificado nessa infernal paixão, acabei flagelando-me no ódio de todo o mundo, pior do que o das mulheres dos pescadores a cuspirem-me na cara a minha peçonha, apedrejando-me e atijando-me os cães? Então eu lograra fugir ainda que acoçado. Mas agora

tropeçava nas próprias passadas, como se atrás de mim, a pregar-me ras-teiras, me perseguisse um fantasma . . .

EGO: No momento não entendi a raiva dessas pobres mulheres do povo e só muito tarde compreendi que elas tinham uma razão para me correrem à pedrada. Para aquela gente simples e honesta, eu não passava de um animal tihoso que lhes queria contagiar os maridos, as filhas e os filhos. Sendo já apontado como feiticeiro amante ou noivo enfeitado de M.—o que, aliás, a mãe fazia gala em apregoar para de certo modo legalizar e oficializar burocraticamente o mercado—, eu participaria numa bacanal em grupo de marabuntas a que elas tinham a honra e o proveito de pertencer; eu passava por ser, nada mais nada menos, que o teórico programador desse visionário grupo, rico e drogado empresário da miséria, e talvez de uma nova religião, acumulando, ainda, as profissões de proxeneta e messias.

NARRADOR: Não foi nada que eu não fizesse mais tarde . . . drogado de miséria de desgraça, de feitiços e de ódio. Eu penso que me tornei assim como que . . . um hipnótico mas hipnotizado aracnídeo babando a teia dourada das sensações . . .

EGO (sacudindo-o): Um lorpa, o primeiro a ficar preso na própria teia! Mas que poderias esperar de humano comportamento desses monstros, se já, um dia, ambas se me tinham oferecido, abraçando-se e leiloando-se nuas?

NARRADOR: Não me fales nisso, por amor de Deus. Sabes bem que mesmo antes da oferta, do leilão ou dos saldos—que sei eu?—, já a mãe apareceu quando amávamos. Titubeou “Desculpem se incomodo, meus queridos”, fingindo-se enleada entre o embaraço e o espanto. Mas, num repente de trapezista lançada no espaço e despindo o garibáldi vermelho como se já não adiantando em retirar-se, quisesse superar a atrapalhação, começou não de todo desajeitadamente a dançar o cançã. Levantando as saias parecia esticar e encolher o umbigo e fazia momices, arabescos e palavras de passe com o rechonchudo traseiro, enquanto garganteava “Oh mes amours, mes beaux enfants! Entre vous deux mon coeur balance . . .”

EGO: M., torcendo o meu sexo como roupa molhada, estorcia-me em casquinadas de coceguenta posse parecendo ter descoberto um novo prazer, enquanto eu, irritado e contraído, queria parar . . . parar . . .

NARRADOR: Mas preso na mola dos seus mais íntimos músculos a filha é que não me largava! Consumado o paroxismo da minha alma corrimentada, doutrinou-me com os princípios da sua prostituída moral:—Não tinha de se envergonhar da sua própria mãe, pois que a vira nascer, a dejectara no sífão do mundo e, de futuro, não havia já nada a esconder-lhe, o que simplificava as coisas. Até porque . . . acabava de ver tudo, ou quase. E a mamã até fora muito compreensiva em pôr-nos completamente à vontade, chegando à gentileza gratuita de nos mostrar, em troca, também “alguma coisa” de ainda muito valor e bom preço. Afinal, que exagerada e prurida importância eu teimava dar ao caso, se a mãe, coitada, longe do marido, sempre se comportara tão discretamente que a mão lhe desaparecia debaixo da saia, a escondendo.

der a excitação e o colorido do prazer . . . Bastava-lhe, pobrezita, olhar disfarçadamente para nós!

EGO (impaciente, enervado): Acaba, Narrador, com essa tossicada história imunda em que ainda se demora e compraz a tua viperina rememoração. Que queres afinal? Endoidar-me o cérebro com torvos saudosismos de gari-teiro? Incendiar-me o sangue decifrando os hieróglifos das nossas próprias cinzas? Se é isso que pretendes, não contes mais comigo.

NARRADOR: Ajuda-me tu então a arrancar de uma vez por todas a nossa velha e tão louvaminhada máscara. Encara-me, em ti próprio, e mostra-me a toda a gente no que sonhas, no que queres, tal qual és, por dentro e por fora, tal qual sou . . . (Agarra Ego pelo pescoço e fita-lhe os olhos) tal qual me quero ver, o espeleólogo que desce ao fundo da alma e se vê reflectido no lago da gruta do seu conhecimento!

EGO: Tu és a minha primeira verdade e o novo ponto de partida para reencontrar o Amor que erradamente demandámos num labirinto de ilusões e que perdemos nas encruzilhadas dos vícios e dos medos.

NARRADOR (pegando a mão que Ego lhe estende): E tu serás o meu primeiro e seguro guia.

EGO (com uma das mãos dada à do Narrador, que o segue, e estendendo a outra em direcção a uma estrela que irrompe entre os espectadores e rasga nas trevas um luminoso caminho): A realidade simplificada nos seus conceitos e erros é a única via por onde procurar a única luz, que é o Amor. A metafísica pela metafísica é ilusão, especulação, hipocrisia e mito a transviar-nos dele. Mas nas trevas dessa transvio o amor aparece mais luminoso ainda, como um anseio, uma necessidade, a dimensão da inabalável certeza. Somente na pureza do real simplificado das suas distorções reside e podemos encontrar o verdadeiro amor. Tal como só através do que é real e verdadeiro dentro e fora de nós conseguiremos conhecer e estudar a nossa natureza, regida por leis científicas, psíquicas, sociais, e universais que nos permitem determinar por que razão necessitamos de amar—dar e receber, completar-nos, prolongar-nos eternizando-nos nos outros.

Conhecer a realidade e diligenciar por estudá-la no respeito e defesa de tudo o que é justo é já, pois essencial ponto de partida para amar o Amor e o primeiro passo para o materializar.

NARRADOR: Mas jamais eu deixei de amar o Amor. Mesmo mentindo-lhe e mentindo-me, atraindo-o e desfigurando-me, o adorei como a um ídolo de mim próprio, que ao mesmo tempo odeio, nas próprias fraquezas e desvairadas ambições. E hoje, prostituidor e prostituído, como vampiro incapaz de enfrentar o sol mas atraído pelo fogo-fátuo de todas as estrelas e borboletas da noite, hoje mais ainda amo o amor . . . o amor que não tive, o amor que não sei (apalpa-se e apalpa Ego sacudindo-o ansiosamente), o amor que existe . . . ou não existe? (Ergue as mãos como a querer procurar, alcançar, apanhar algo fugidio e invisível) O amor . . . o amor . . . o amor . . . (Desdobrando-se no corpo de Ego, que fica hirto e vertical, cai lentamente de bruços.)

EGO (para Espectadores): O amor . . . Que amor? . . . Que coisa é, afinal? Não será preciso primeiro concretizá-lo, cientificamente conhecê-lo, para só depois podermos, conscientes procurar praticá-lo, vivê-lo na sua íntegra pureza e nas suas totais dimensões? Será possível materializá-lo sem antes o definir? Mas então como defini-lo? É a semente que germina livre e dentro de nós? A vírgula que falta ao entendimento duma grande oração? É o breve momento de repouso do guerreiro, ou a luta árdua para a vitória? O cuspir nas mãos do cavador de enxada, ou a pausa no fim da menopausa . . . ou, ainda a pequena nota de música que faz vibrar a orquestra? E porque não o desintoxicar de uma propaganda colectiva? Podemos resumi-lo a uma linha ou um vector? Será matematicamente generalizável? Quais as suas constantes? As suas leis? A sua certeza? A projecção e a latitude? O amor será mensurável? Pode ser tratado como uma coordenada, traçar uma linha de intensidade ou recessão . . . será uma curva cíclica? Descendente com a idade, estará na razão directa da potência sexual ou na inversa do desgosto e da descrença?

NARRADOR (desdenhoso): Mas tu já sabes o que é o amor? Será que dessa maneira consegues defini-lo?

VOZES (umas perguntam interessadas, ansiosas; outras, incrédulas, desdenham): Você sabe o que é o amor? E você sabe definir o amor? Que questionário, que inquérito, que sistematização? No amor todas as teorias, doutrinas, políticas falham. Cada um na prática ama como quer e como pode . . . Isso não é bem assim: eu quero dar-me aos outros mas não o faço, nem ninguém me quer, porque estamos presos numa mesma rede de leis que nos limitam e separam. Nem eu, que sou pobre, posso amar, como querem, a fome que me devora.

(Assiste-se, como aliás pode acontecer em diversos momentos do decurso do espectáculo, a uma sequência de projecções e gravações, encadeadas em síntese de contraste tanto do ponto de vista cronológico como de significação e de conteúdo, as quais documentam cenas e figuras históricas e da actualidade na dramática procura, definição e interpretação do amor. Desde acontecimentos que avassalam e ainda arrastam ingénuas e históricas multidões, em conquistas, guerras, êxodos, genocídios e competições alieno-desportivas, às místicas, platónicas ou aberráticas paixões sexuais, por vezes na patética idolatria de bichos ou de pedras. Assim, deuses, apóstolos, filósofos, poetas, políticos, místicos, esquizofrénicos, médicos, sádicos, suicidas, de todos os tempos, serão apresentados como expoente da adoração, do respeito, do medo, da exploração, da tirania e do aviltamento do amor.)

EGO: Isto são os conhecimentos que da fluidez da teoria e dos espessos bosques da história podemos colher e em que todos devemos meditar. Mas bastarão para nos ajudar a definir aqui cada um dos nossos casos particulares de amor e depois de expurgados de todas as suas impurezas, a simplificá-los, pela nossa razão subjectiva, na generalização de uma lei universal?— Perguntam-me. E eu insisto na pergunta e na procura. Mas que sei eu afinal

do amor? Ajudem-me. Ajudemo-nos. É preciosa a colaboração, a experiência de quantos aqui quiseram juntá-la à minha, à nossa, já que eu sugerindo as ideias e o seu conteúdo temático mais não dou afinal do que o meu pobre exemplo. Experimentemos, pois, eu exemplificando . . .

VOZ FEMININA: Essa tua cadeira, espectador, vai projectar-te para um mundo de huris concubinas, levar-te a um paraíso talvez artificial. Encontrarás como sensitiva planta, a realização plena do amor? Imagina que vais entrar nesse mundo diferente, onde, em revoante bando, as odaliscas te satisfaçam todos os desejos já por ti concebidos e te descubram ainda outros descalçados nos teus recalcos. Imagina a sensação de, perfumado em lúbrica e balsâmica labareda de carícias e incensos, estares a possuí-las . . . eternamente . . . será isso para ti ou para alguém, o amor?

(Com projecções, imagens corporizadas, cadeiras móveis, sofás e manequins, numa insinuante atmosfera de melodias e aromas voluptuosos, vai-se criando todo o ambiente em que o espectador começa a sentir-se e a reagir como participante. Pede-se-lhe, depois, que sintetize as suas impressões e procure submetê-las a uma análise para um juízo crítico, experimentando introspectivar-se em comunicação oral com todo a público presente e com o Narrador, Ego e ou Alter, que orientará sempre todo o teatro. Esta experiência habilitá-lo-á a consciencializar a realidade e ao Narrador-Ego a transformar em actos criadores essas vivências, interpretadas segundo um correcto critério de valoração e com colaboração de todos. O espectador começará, espontaneamente, a representar, a ser também actor e transmissor consciente de ideias. Será um novo tipo de actor que jamais simula com o intuito de falsear ou de alienar, mas tão-somente de acordar em si e nos outros todas as energias, porventura adormecidas ou refreadas, e de que o homem, no reconhecimento da sua natureza e no cumprimento dos seus deveres sociais e universais, necessita para operar a transformação numa permanente criatividade positiva. Além do mais, esta salutar experiência de o espectador vir aqui representar a sua história fá-lo-á descarregar-se de complexos atrofiadores e permitir-lhe-á expressar as suas interrogações e respostas, expondo-as às dos outros, recolhidas directamente ou por ajudantes espalhados pelo teatro.)

VOZ MASCULINA: A ti, mulher, ser-te-á proporcionado imaginares-te numa ilha luxuriosa, rodeada, por todos os lados, de um mar de efebos frenéticos e ondulantes, com os quais poderás, sem quaisquer peias nem rebuços, expandir os mais lúbricos desejos e os anseios mais encobertos ou recalçados ... ou até, se preferires, realizar a família que sempre idealizaste. Assim, terás a teu bel-prazer o amor sexual do mais puro hímen e mais púrpuro sangue selvagem; o amor paixão, com tragédias de repuxados cíumes, traições e resfolegante agressividade, o suave e sereno amor fraternal; o respeitoso e imorredouro amor de filho; ou o sublime e heróico amor de mãe. Depois disto, que é para ti, mulher, o amor? Qual deles é a amor único? E como juntá-los a todos para obter, numa só família todo o fogo do mundo? E qual deles é um amor mais verdadeiro que outro? E das duas componentes, sintetizada chama, qual é a ver-

dadeira parcela que vale tanto como o seu conjunto? O amor existe com outros sentimentos, como a consideração, o respeito, a admiração, a amizade ... ou, todos, ou alguns deles, só existem antes ou depois do amor? E o tosquiado ciúme? E o tortuoso ódio? Fazem parte integrante do amor? Ou onde termina a fúria do amor começa a chama do ódio? Na vida ambos são necessários e equilibram-na? Fazem-na progredir e avançar? Até quando e com que limites? Algum deles vencerá definitivamente o outro?

NARRADOR: Como definir então o amor? Ajudai-me, senhoras e senhores! Quais são os seus elementos comuns?

EGO: Um deles é a ternura, por exemplo. Será necessário isolá-la, por abstracção, para a definir? Mas como também materializá-la?

NARRADOR (onírico): A ternura é o voo de um pássaro no seio da tempestade. A ternura é o passar subtil dum pincel pela tela ... ou duma borboleta pela alma de uma flor. O ser deixado na atmosfera, em imperceptível vibração, pelo meio passar duns lábios de mãe na face do seu filho ...

EGO (impaciente): Mas para a materialização do amor, essas tuas líricas impressões, puramente subjectivas, penso que pouco ou nada adiantam. E até podem ser perigosas por limitativas. Não venhas, pois, com tão ingénuas fantasias. O amor é movimento, criativo, renova-se. Nunca será constante, imutável, porque se recria, entendes? E é liberdade. Até quando lágrima de suor que escorra lentamente pela enxada do cavador, na força do trabalho e na luta com que defende a sua razão. O amor é o respeito mútuo de direitos e deveres recíprocos. A amizade desinteressada. A abnegação e a solidariedade no que é justo. O ponto de encontro com o bem, a fusão com o belo a universalização do natural. É a certeza na verdade. O combate ao erro. A defesa altruísta do fraco. A heróica resistência dum estame na tempestade. É a esperança de David na certeza da vitória sobre todos os Golias e Pantagruéis do mundo. O amor ...

NARRADOR E EGO (em uníssono): ... é a salvação!

NARRADOR: Sem amor em nada se acredita, nada vence, nada vive. Sem amor germina a ambição, a crueldade e a tirania. Ah, se o amor fosse a explosão da alvorada que, dentro da teia, estoirasse em claridade e cor o pegamento ventre das trevas! Sem amor rangem, na escuridão, o frio e a fome, desmorona-se em impérios decadentes o equilíbrio, irrompe a corrupção do ego, a raiva e o medo. Sem amor, vinga a mentira, e o terror das prepotências oprime. Governa a ferocidade do tirano, o oportunismo demagógico e a encoberta traição. Sem amor alastra a vingança. Sem amor ...

EGO E NARRADOR (num mesmo disparo): ... é o ódio! É o ódio. E o ódio e a perdição.

VOZ FEMININA E VOZ MASCULINA (em uníssono numa ressonância cósmica): O amor é o encontro sexual de duas galáxias, o ponto fulcral de equilíbrio planetário, o centro do nosso sistema pessoal e universal.

EGO: Se não reside num só indivíduo, nem é fruto de um só sentimento, nem criação de um único espírito, jamais também caberá numa única palavra ...

VOZ: No entanto, e por isso mesmo, para melhor tentarmos definir o amor, sugerimos recolher uma palavra de cada um de vós, senhoras e senhores, uma única palavra que, como o genes sintetiza o ser, resuma a oração de cada conceito pessoal e assim contribua para caracterizar simultaneamente aquele sentimento e a respectiva opinião do espectador. Dessa maneira poderemos com descarnadas e menores probabilidades de erro determinar quais são, dentre as características um tanto a mesmo já aqui apontadas, as que devem prevalecer como essenciais e também conhecer outras consideradas necessárias. Respondam então: numa palavra podemos, pois, dizer que o amor é ...

VOZES (além de outras palavras dos Espectadores que correspondam ao apelo): Claridade. Realidade. Variável. Luta de contrários. Unidade. Equilíbrio. Movimento. Solidariedade. Um centro. Coordenação. Harmonia. Infinito. Criativo. Comunhão. Futuro. Eternidade. Progresso. Transformação ...

VOZ (em ressonância Cósmica): Escutem-me, neste monstruoso novelo de paixões vimos assistindo à introspecção de um de nós, que, emaranhado no arame farpado em que as ambições e os tiranos cosem e enrodilham o mundo, vislumbra, no âmago do turbilhão e na essência de si próprio, aquilo de que desvairadamente se transviou—o imperecível Amor.

Assomado à beira do abismo encoraja-o encarar a sua miséria e vem aqui expô-la convidando-nos a um estudo solidário e de crítica que possibilite detectar as causas que a determinaram e os interesses mesquinhos que a propiciaram e, sob um manto de irrealidade a encobriram. Ajudemos, pois, fraternalmente o Narrador e, como o cacto que sedento aprendeu por defesa a recolher a água das chuvas. Aprendamos com a sua amarga experiência.

(Um enorme bloco de argila ou barro mole e disforme surge ao meio do teatro e para ele se adiantam Narrador e Ego.)

Aqui tendes este barro. Que cada um se levante da sua cadeira, o encare e perante ele medite defronte do mais verdadeiro espelho da sua complexa natureza e opaca realidade. Realidade esta modelável como o barro de que somos feitos e necessária à transformação que anima a vida e ilumina o espírito. Se é possível desbastarmos e corrigir erros e fracassos sendo escultores de nós próprios, poderemos também algum dia, recorrendo às ciências positivas do homem no plano social e universal, conhecer a natureza fluídica e hiperbólica do Amor, na sistematização duma teoria no tempo e de uma geometria no espaço? Quando a inteligência humana procura marcar numa norma, figura, ou corpo, as linhas, ângulos, planos, formas, que a orientem para encontrar o vértice do amor, terá forçosamente de naufragar no seu vértice? Ou será preciso diluir-se no éter, niilizar-se no vácuo, alienar-se na abstracção do indecifrável? Terá de inventar Deus? Aceitar o impossível e negar-se no absurdo? Enganar-se no dogma? Fugir de si próprio e da realidade?

Admitida, porém, no problema de definir o Amor, a impossibilidade (?) de o generalizar numa lei, determinar e resumir num número, traçar e medir num

desenho ou conta e estruturar num sólido, será o homem, pelo menos, capaz de o alcançar em si próprio como parte de um todo que o consubstancia e em que se consubstancia? Ou, não se reconhecendo nem promovendo a vértice de si mesmo, na pirâmide vital em que molecular e colectivamente se anima e projecta, o homem terá de resignar-se ao bestificado e petrificado enigma da esfinge eternamente prostrada no deserto?

O amor, princípio do que nunca terá princípio nem fim, é criatividade, contribuição pessoal para um ser que nasce e renasce dentro e fora de nós, dantes e para além da própria existência, e que viverá mesmo quando já não o quiséssemos. Melhor, mesmo que o desejássemos destruído, o Amor ficará, sempre vivo na atmosfera, vírus-semente a incubar-se, fora e dentro, na perene reprodutividade de cada um de nós. Que cada um, pois, inicie através deste acto simbólico o propósito de construir a sua auto-estátua no mesmo barro em que todos os outros realizam também a sua, participação de obra comum, em luta de contrastes e contradições. Luta em que os antagonismos funcionem como estímulo de aperfeiçoamento.

Este exercício será como que um gesto de arranque na suprema aspiração do homem—a materialização do Amor—, índice dos mais profundos anseios e elevados ideais. Assume o significado de um registo do desejo de quantos se solidarizam no mesmo intuito de aqui começarem a concretizá-lo. Assim, este acto formal e simbólico de expressão lúdico-plástica será como que espontânea assinatura de um autocompromisso inscrito no barro.

Refletindo a alegoria do barro na consciência de si próprio, ninguém se arrecada numa estátua como também não se completa na efémera satisfação do sexo quando, a derramar sêmen, se ata em nó-cego noutros braços. Só na medida em que, decifrando a sua natureza e a outra mais lata que o cerca, lute contra a cegueira da mentira e o cancro do egoísmo o homem se realiza, cumpre a função demiúrgica de semear, o que é já um gesto combativo de amor contra a terra e que o prolonga e reforça, cria e recria na humanidade toda e no universo sempre. E neste afã colectivo de procura global oposto à desagregação extremadora, viveremos um tanto mais, um pouco menos, conforme o que de amor arrancado e moldado de parte de nós próprios deixarmos vivo nos outros ...

Universal comunhão das vontades conscientes em transfigurar, por mutação eternizadora, a parte de cada um no todo, simplificação e generalização da vida que, sem limites, lutando contra o que é retrógrado e errado se projecta e avança, na descoberta da verdade objectiva, é isto a materialização do amor.

(Depois desta actuação simbólica em que uma vontade colectiva modelando a realidade propiciasse a materialização do amor, alguns escultores continuam a traduzir no barro expressões alusivas à história que o Narrador entretanto recomeça.)

NARRADOR: Jurando a mim próprio cuspir-lhes na cara todas as palavras que espumavam a sua traição, fui desmascará-las nas dunas da praia imensa

onde mãe e filha fingiam puritanamente isolar-se para se entregarem nuas, animais sadios e belos esponjando-se ao sol.

EGO: Então a mãe de M. virou-se contra mim com a fúria e a volúpia de uma harpia a devorar um cego e, rindo, exibiu o sexo com a desfaçatez de quem se julga impune perante a horrível verdade. Sim, até gostava que eu soubesse, para que negá-lo, se simplificava tudo? Aquilo dava-lhe, além de prazer, o dinheiro. Juntava o útil ao agradável, reduzindo à sua expressão mais simples a complexa equação da vida. Daquilo vivia, pois, sensorialmente e tiraria no futuro a sua pensão de sobre-vivência. E, ficasse entendido de uma vez para sempre, essa era a sua única e pretendida função social.

NARRADOR (complacente): A quantos apagados e tímidos terá dado a chama da potência e de quantos soldados terá feito generais, .. A quantos irrealizados sem esperança terá facultado uma momentânea razão de ser ...

EGO: A mim repugnava-me tudo isso. Mas por que razão não o aceitava eu na ordem natural das coisas, buscando também no proveito do prazer a minha realização?

NARRADOR: M. jurava-me peçonhentas pragas. O pão que eu arruinado ainda teria de mendigar em casa delas, donde imaginava que viria? Pois era amassado no laborioso fervor do próprio leito, com água viva dos suores do seu corpo, fonte dinamizadora de posse, e com o procriador fermento do esperma rebuscado para consumação do acto e, se necessário, posteriormente enforcado no aborto. Crispando nas próprias palavras a imaginação rodeavam-me excitadas, lúbricas no gozo de destruir-me. Sôfregas tentavam agarrar-me e sanguessugar-me toda a energia da razão que as acusava e da ira que lhes opunha resistência. (Alucinado, luta, repele-as) Larguem-me! Deixem-me, cadelas danadas! Larguem-me! (Cospe-lhes) Putas! Cabras! Coirões!

EGO: (Para Espectadores) Onde estará a alma deste farrapo que não a encontro em mim? Como sintetizar aqui, toda uma vida, e encher num momento duma palavra todo um romance? Como reunir este egoísta retalho de dor a todo o sofrimento humano? Que significado tem a dor, que projecção?

NARRADOR: Quando me afastava saciado de prazer e vazio de amor, saco virado do avesso e roto donde escorria a alma, ia já repeso e ansioso por ter levantado todo aquele drama.

EGO: A força masoquista e autodestruidora, a coragem impotente eram anátemas da minha educação burguesa, da mentira em que sempre aceitara viver? Impunha-se tudo esquecer e fingir que nada sabia? Maldito e inconsequente orgulho! Cínica incongruência! Era mesmo por minha causa que eu devia ter esquecido, fingindo que de nada entendia ou pelo bem alheio, pelo critério dos outros e do que de mim eles pensavam reagira com um rosto que não é o meu?

NARRADOR: Nunca mais posso voltar a amar daquela maneira, se porventura aquilo era amor! Nunca mais. Desumanizei-me. Pisaram-me a alma! (Para Espectadores) Vocês todos que não querem compreender-me, malditos, estão

com elas, violentam a pureza que havia dentro de mim e, agora, só nutro ódio e nojo por ti, por tua mãe, pelo teu e o meu semelhante ... por vós.

(Elas aparecem, sarcásticas.)

M.: Não sais daqui, não foges.

MÃE DE M.: Não vais a lado nenhum.

M.: Nunca poderás deixar-nos. Nunca sairás daqui.

MÃE DE M.: Pertences-nos. Precisas de nós. Tu és nosso.

M.: (Gargalhando) Sim, és nosso! Tu és um nosso objecto mecanizado no vício do prazer. Anda, vem lamber-nos as tetas. Agacha-te, vem beijar-nos os pés.

NARRADOR: Atrás das ameaças, dos escárnios, sadismo a impor cangas sobre a minha doente vontade, dispararam a razão dos risos que corolava a sua impunidade e que afinal não era só fruto da minha fraqueza: A perseguição da polícia política! E a abjecta ameaça subjacente surgiu como cauda carnavalesca de que jamais conseguiria livrar-me. Elas de vítimas passaram bruscamente a carrascos, cobras que largando a pele exibiam ao sol, orgulhosas, a nova farpela enfeitada pelo sinistro e intimidativo “crachat”.

M.: Não te poderás vingar, não vais fazer-nos mal, aliás estou certa que me amas ... (prenunciando a ameaça) mas ...

MÃE DE M.: (corroborando, cínica). Nada dirás a ninguém da tua família, nem do teu meio. Ninguém te defenderá até porque, mal tu sabes, isso mais viria aumentar a nossa clientela.

M.: Não, não vais deixar-me. Garanto-te. Eu amo-te e preciso de ti. E tu não podes viver sem mim. Sabes bem que nos amamos ... os três. Todos os outros com o seu sémen só poderão robustecer o nosso pacto de amor.

MÃE DE M.: Tu és tão nosso como a pulga de circo é do seu domador. Vives do nosso sangue. Damos-te parte do que vamos saciar nos outros.

EGO: Nunca, parasítas, puta velha, putas, nunca ...

MÃE DE M.: Possuímos todos os meios de te vergar amorosamente. Vais ver que te aquietas e faremos dócil, domaremos a fera que vive ainda livre dentro de ti, e vais ajoelhar aos pés de minha filha pelas lágrimas que o teu malvado orgulho e estupidéz a têm feito derramar. Verás! ...

NARRADOR: Acabei, drogado de irrerealidades e medo, por reconhecer nelas o Deus que me tiranizava e possuía. A rezar, beijei-lhes os pés temendo que nunca mais me deixassem. Aquela amorosa perseguição cercando agora o meu pescoço na cadeia dos braços de mãe e filha ia fechar-se na mão de ferro do pai polícia político.

EGO: M., é certo, era filha ilegítima de alguns sábados de folga. Mas para desencadear sobre mim a sua “autoridade” isso era o bastante, mesmo que o

paí a visse apenas uma vez por mês, a fim de recolher da mãe os desabafos ... nos bafos de bufa.

NARRADOR: Não mais poderia, rir-me nem chorar da própria desgraça agora que a traição se ampliava, opressiva e dominadora, num cordão umbilical que nos prendia aos três, aos quatro, por toda a vida. Para que não me afastasse, elas acusavam-me já de activista conspirador ...

MÃE DE M.: (casquinando). Parece que és um anarco-bombista. Não tem mal ...

M.: (gozando). Quem cala consente, mas não, mãe. Ele é um simples e ingénuo democrata.

MÃE DE M.: (Acusatória, dedo em riste). O quê, é comunista?

M.: (Adocicando, apaziguadora) Não, mãe. É um chauvinista republicano, mãe, é o que é.

(Mãe de M. ri tanto que é acometida de um súbito ataque de tosse).

NARRADOR: As ameaças e obscenidades de ambas feriam-me mais que as pedradas das mulheres dos pescadores ou as gargalhadas de uma assistência que assistia do alto do morro e só faltou aplaudir a cena. Eram pessoas da vila à casa de quem eu batera para investigar a verdade, ou antes, suplicar a mentira consoladora. Vinham gozar o drama, como os senhores que pagaram os seus bilhetes e vieram ver o espectáculo.

M. (isentando-se de culpa): Não ligue à minha mãe, as taradices funcionam nela como gazes num tubo de escape, já que precisou de as diferir durante muito tempo e lhe pesavam agora no estômago. No fundo é uma crente e boa católica, habituada a jejuns só quebrados pela leveza da hóstia.

MÃE DE M.: Amén.

NARRADOR: Passei a odiar a vida, a natureza, o ser humano.

EGO: Antes passasses a odiar os teus erros e fraquezas e procurasses o amor no ódio a todas as culpas que o conspurcam a todos os oportunismos que o exploram, a todas as tiranias que o destroem!

NARRADOR: Penso que foi desde então que me empederni, deixei de crer e perdi a esperança em mim, na humanidade!

EGO: Desde aí começaste, poltrão, a virares-te para dentro de mim como o bicho-da-conta que se enrodilha a fugir do perigo, ou o avestruz a isolar-se da tempestade enfiando a cabeça na areia.

NARRADOR: Num repelão abandonei-as, mas logo voltei atrás, vencido no meu rompante e ajoelhei, drogado de raiva, a pedir que antes fossem elas a deixarem-me. Para que lhes havia de proporcionar novo gozo em vingarem-se só por eu me querer libertar? Para que deixar a minha alma desfiar-se ainda mais do que já a tinham rasgado? Ao darem pelo gáudio da assistência colaboraram gargalhando, feitas loucas, puxando-me pelos cabelos, pelos pés. Conheciam bem aqueles mirones, que já tinham dormido com elas, ou aguardavam a sua vez. Quantos de vocês também, senhores espectadores?

EGO: Invadiu-me aqui o terror de que os mirones acabariam por atirar-te moedas do morro para a areia e que elas me forçariam a ir de gatas apanhá-las e agradecer. A quantas ignomínias me tens forçado, cobarde!

NARRADOR: Estendia as mãos como alucinado perante a Virgem, o chã juncado de papoilas, ondulando em música e cores. Em ondas de aromas vinha ajoelhar-se a meu lado uma branca revoada de anjos. Julguei entrar nelas, a flutuar sobre o desespero, livre do medo.

EGO: Talvez largando o corpo, escorraçando-te, elas me deixassem! Talvez ninguém mais me achincalhasse. Ah, se eu pudesse afogar no sonho a dor da minha fraqueza! Mas não, dei por mim mordendo na areia o barro que fizera de mim vida ané ficar espumando sangue, raiva e sal.

NARRADOR: Não! Não! Que me prendam, me matem, mas ficar aqui aprisionado nas algemas da memória e nas garras delas, não. Ainda há em mim um resto de amor-próprio e pundonor, retalhos de uma invencida educação burguesa? Não, não posso, não quero. Metam-me na cadeia, torturem-me, mas não hei-de voltar atrás, nem ficar aqui.

(Narrador ajoelhado, suplica, bajula, chora. Vê-se arrastado, feito verme, possuído)

EGO: (em parte) Miserável! Desgraçado impotente!

NARRADOR: Depois o medo apossou-se de mim e de tudo.

(Passagem de tropas marchando, rebentar de bombas e de cores violentas, a serpente mecânica rastejando para devorar o homem que aceita sem poder fugir. Papaguear de discursos e propaganda subordinadas ao matraquear de metralhadoras e cacarejar de galinhas. Um avião que passa cai a pique sobre os espectadores. De um alçapão por detrás de Narrador e Ego surge no meio de um silêncio brusco a figura de Polícia Político sem que eles se apercebam e que lhes rouqueja com voz surda e arepiante como o raspar de um metal num vidro.)

POLÍCIA POLÍTICO: Que é isto aqui? Que estão a fazer? (Mais directamente para Narrador) Se não me vês, se nunca me viste, eu sei muito bem quem tu és, e o que fazes, e nem sequer preciso de ouvir essa ridícula e nojenta história com que queres entreter e subverter tanta gente. Ouve tu bem camarada que todas as minhas paredes têm ouvidos e memória. A propósito, se não me conheces, conhece-te perfeitamente a minha filha! Venho avisar-te, cuidado comigo e com a tua língua, desgraçado. Nem sabes no que estás metido. Toma cautela para não vires a lambar os pés a quem já chamaste laçao e há-de fazer de ti meu capacho, pisar-te a língua até espremer o veneno que esvurmas.

(Com a mesma surpresa, sub-repticiamente, Polícia Político desaparece no alçapão.)

(Narrador e Ego permanecem hirtos, aterrorizados.)

EGO (de punhos e dentes cerrados): Mais forte que o medo é a razão; mais forte que o crime é a inocência. E a vitória será a da justiça que exterminará para sempre estas feras de opressão.

NARRADOR: Começou depois a perseguição que nem durante o sono me dava tréguas. Metido dentro de mim este medo ainda me fazia mais dano do que as ameaças por telefone e as cartas anónimas, ou os folhetos comprometedores postos na caixa do correio e que eu me apressava a queimar.

EGO: Afundavas as mãos nas algibeiras medroso de que nelas metessem qualquer coisa acusatória.

NARRADOR: E cheguei a temer a própria sombra, e que tu, meu Ego, me perseguisses mesmo quando ao subir as escadas de casa, à luz do dia me perdia no lugar geométrico das paralelas do corrimão e das linhas assimétricas de minha alma assustada. Ancilosava-me recusando as pessoas, desconfiando até das minhas mais íntimas reacções e receoso das tuas denúncias.

EGO: És um falhado! Fracasso que de tudo te desculpas.

NARRADOR: Para me libertar, do medo que me punha doido e se alastrava como pingo num mata-borrão, procurei um amigo a suplicar-lhe a sua importância política, que me liberasse de tudo aquilo de que me poderiam vir a acusar inocentemente. Devo ter-lhe parecido louco e suspeitei que ele iria enclausurar num manicómio a minha perigosa esquizofrenia.

EGO: Nesta cavalgada louca apareceu-me momentaneamente a meta para todos os nossos problemas e terrorres.

NARRADOR: Eu seria mesmo o esquizofrénico que os outros pensavam? Antes o fosse porque então num caldo cozeria tudo: inagação doentia, realidade e a desenfreada alucinação. E já teria uma defesa que me desculpasse e que pudesse livrar-me da armadilha das torpes amantes vaginada em perseguição policial. Antes libertar-me deixando-me prender no manicómio!

EGO: Não era apenas o teu feitio poltrão que imaginava um bruxulento pesadelo em tudo isto? Porque as cartas que M. tinha escrito e a que eu respondera com fotografias trocadas eram documento certificando a terrífica realidade.

NARRADOR: Esse amigo a que me agarrei como última tábua de salvação fez-me um sem-fim de perguntas. Quem era ela? O seu aspecto, a ver se porventura a conhecia. Abrira-lhe a curiosidade muito para além da compaixão. Como seria aquela mulher? Ele desnudava-se à medida que eu a ia descrevendo traço por traço, hábito por hábito, tique por tique. Temi que pedisse a morada, o telefone, enfeitado que estava pela minuciosa descrição e talvez atraído pelo perigo. Como criança que treme amedrontado saboreando as histórias de ogres e de bruxas, o macho indomado, numa mola de brinquedo soltava-se dentro dele.

EGO: E foi-me garantindo protecção numa sociedade de influências onde qualquer vício e todas as misérias podem ser encobertas por conivências e traições. Expiar, denunciar, eram virtudes que mereciam compensação.

NARRADOR: O remédio para quem quisesse defenderse era simples: ser como eles! Mas o meu medroso repúdio não destruiria, portanto, a ficha que na polícia me acusava de imaginárias actividades subversivas.

EGO: Poltrão! Mesmo preso, poderias lutar como tantos que nem mesmo assim se deixaram vencer.

NARRADOR: Mas pior que ser preso, é ficar sobre o abismo, ameaçadoramente suspenso, para não ficar tranquilamente ilibado. Oh! Abençoado paternalismo dos amigos influentes e bem situados no sistema vigente, que para nos valerem, se não conseguem comprometer-nos na sua ajuda também nunca mais nos largam no débito do nosso reconhecimento! Sem alívio, passei a ser ainda mais vigiado, preso na trela de uma liberdade canina algemado numa perseguição sem culpa.

EGO (Para Espectadores): Abri-vos a alma, o medo—apontando Narrador—que querias escondido. Perseguido pela única razão de tanto querer amar, sujeitando-me por amor a tão ignóbeis e abjectas situações, descrente de mim, de tudo e de todos, que me poderia restar, além de um amor falhado, senão o ódio? Contudo é ainda o amor, destruído e espezinhado, que de mim e de todos vós, sempre, se levantará, mesmo quando se julgue canceroso na vingança pela espada do ódio. É quando a escuridão mais nos oprime e quer perder que o gládio de uma grande luz nasce no mais fundo da alma para a erguermos como um sol acima e fora de nós, escorraçando as trevas do mundo e da humanidade. O ódio só nos limita à terra como vermes, se não ganhar asas para o amor verdadeiro e puro, que não tem limites no espaço, nem no universo. É ainda o amor que o incendeia contra as suas frustrações. O amor odeia as manifestações egoístas, mesquinhas e traidoras e abre no luxo burguês um tumor de sangue pus e lama. O amor odeia o rastejar continuamente sem espaço, o não ultrapassar as mesquinhas dimensões do corpo e do espírito que o limitem à superfície na dimensão do individualismo, sempre desagregador e retrógrado. É o amor, feito Grito e Lei, arma e luz, quem há-de conquistar o mundo, na medida universal de uma nova dimensão. Inovadora dimensão que revela o amor total, em toda a sua Quarta Dimensão.

NARRADOR: Escutem. Deixa-me acabar a história ... Embora talvez tenham de chafurdar, comigo ainda mais um pouco, nos meus dejectos. Soube mais tarde que elas até recorriam à feitiçaria, mesmo à mais abjecta e primitiva, para me sujeitarem às suas vontades. Coseram a boca de um indefeso sapo e roubaram da igreja um dedo do pé dum barroco Santo António ameaçando-o, se eu não regressasse, com a chantagem de o condenarem ao defeito físico, e ao eterno escárnio dos devotos que o desacreditariam para sempre. Coisa estranha que tantas vezes me inquietou: por que desejavam mais a minha pessoa do que temiam arriscarem e violarem a sua fé, arrostando com o castigo dos deuses? Teriam dificuldade em arranjar outro como eu, tão fora da

realidade, besta submissa em ser cavalgada? Ou, pelo contrário, era a atracção rastejante da própria serpente pela timidez do pássaro condenado e tentando libertar-se? Ou a mórbida intimidade guilhotinada entre o carrasco e a vítima no acto de execução? M., na verdade, sentia-se no direito de amar à sua maneira. Que razão me instigava a procurar saber dela através de amigos, mal me atrevendo a fingir uma despreocupada pergunta? Era só a curiosidade que vencia o medo e o despeito? Odiei-a demasiado para conseguir deixar de a amar. Notícias dela faziam-me parar a respiração do mundo que me cercava. Logo a seguir achava-me vazio na minha luta com Deus e o Diabo, todos precipitados no vácuo da eternidade. E da escuridão ressoavam trovões riscando com relâmpagos do passado a impenetrabilidade do futuro.

(Narrador no palco, à medida que fala, vai-se reduzindo numa descarga eléctrica a sintetizar-se em simples abstracção, mancha móvel de cor)

M. insistia que me adorava, sempre, eternamente, e apregoava-o, sob os lampeões da rua, a falta que eu lhe fazia, morrendo como cortada flor à minha espera numa limitada jarra. Mas de novo no enredado de um ocotilho tecia a rendilhada miragem da sua fonte de amor. Abismava-me na ilusão, aceitando já que me devia ter moldado ao barro dos seus caprichos, cozido de corpo e alma, mas, agora, mesmo que fundido num só corpo de que não havendo mais traição, eu não seria feliz porque sentia que te traía meu Ego, naquela vida que ela escolhera e eu não, ainda que contraditoriamente desejada.

EGO: Desgraçado crápula, porco! Não te desculpes comigo, nem me enganes contigo. Ergue-te, miserável.

NARRADOR: Sim, não é fácil, eu lutarei, ainda que saiba que revolvendo a lama chafurdarei cedendo. Mas é difícil! Difícil!

EGO: É difícil. Mas não é impossível. Luta. Luta comigo, Luta comigo. Luta por amor de toda a humanidade.

VOZ DE POLÍCIA POLÍTICO (aterrorizadora e cínica): Luta, mas serás preso, condenado, torturado. Havemos de cortar-te os testículos, caparte a alma, maldito chulo.

NARRADOR: Resisti, lutei, até ao dia em que ela me telefonou no momento em que, talvez casada com o diabo, ia consumir o acto que nela tinha sempre sortilégios de magia negra. Quando o noivo foi à casa de banho, eu ouvia a água correndo no sifão e o meu sangue descarregando-se nas veias. Ciciava que tivera o cuidado de se drogar e estava a sentir-se em mim desenlaçando-se da última peça de roupa. Ia render-se, dependuradas as brancas cuecas nas ameias da cama, mas deixava o telefone ligado a fim de eu poder escutar, estar presente, porque só a mim verdadeiramente amava e no ápice do orgasmo saltaria da cama toda nua para se masturbar no auscultador. Então eu poderia ir ter com ela de imediato entrando pela própria porta daquele castelo de duendes porque o noivo, vilão de pés de cabra, iria ser fechado na retrete onde devia ficar permanentemente consolado no autoclismo sempre que eu quisesse recuperá-la.

EGO: Desafiei-a: por que se casava, então, enganando o próprio diabo? Choramingou que precisava de mais alguém porque não podia viver só, nem que fosse para depois atormentar. A mãe estava velha e nenhum homem de posses se interessava mais em possuí-la e não resultava já esgotar-se esfalfando-se pelos esgotos. Estiolava a maturidade, ardendo nas paixões aventureiras dos dramas de cordel, pagas a sangue e mijo e em dinheiro de mesinha de cabeceira, de que resultava ficar mais delirantemente só. Para além de um tão limitado horizonte, onde se prenunciava também o seu próprio e breve ocaso, M. precisava de apoio social, de respeitabilidade de eucaristia e fachada de obra das mães. Casara-se por tudo isso, talvez para valorizar o negócio decadente, e acusava-me de eu a ter ligado a tanto, dando-lhe tão pouco.

VOZ DE POLÍCIA POLÍTICO: Mais terás que narrar quando eu te meter com um funil litros de propaganda política pela boca abaixo e reventarás vomitando pelos olhos e pelos ouvidos toda a merda subversiva com que te sustentas.

NARRADOR (Continuando, trémulo por intimação de Ego, que o encoraja): Os meus silêncios abafados na mão que, ensanguentada, mordida para não gritar eram só rasgados por alguns soluços que escapando-se não lhe escondiam o meu ódio. Incapaz de desligar o telefone, o cordão umbilical com que afinal enforcava a vida, crispei-me no auscultador a noite toda a ouvir gemidos e gritos, o ranger das correntes quebradas pelos espermas durante a posse que ela megafungava corrimetando-se ao saber-me a escutá-la. Tanto ladainhava, pecadora gozando o prazer da própria fé, e guinchava na dor de uma desfloração virgem, que acabou por violentar, mais uma vez e de uma vez para sempre, o que de pureza ainda floria no palmo de terra mais íntima do meu ser.

Sei que a carne e o espírito e a minha própria natureza e espécie não lhe iriam resistir por muito tempo. Computorizado em número e ficha, para não sofrer, drogado consciente que quer esconder-se no vício, acabaria por procurá-la, total rastejante-mente vencido, se se um florir de primavera antecipada que ainda me parece malabarismo de circo e fogo de universo, não viesse despertar-me a força que só a razão encoraja para a luta contra o corrupto amor que me cegava e no जो me excita como um afrodisíaco abortado no ódio.

EGO (renascendo): Num amanhecer de hálito, de chama e sangue, dilúvio de cravos e sinfonias de liberdade, acordei abrindo as janelas da alma no meio da alvorada de multidões de todos os resgatados. Cantei com eles, nos becos sem saída, os hinos da minha revolta e da minha redemptora esperança. Ofereciam-me uma orgia de paz, flores e amor, a certeza da minha libertação, mundo onde todos de imediato passávamos a ser irmãos. Transfigurado por esse milagre de Abril esqueci as trovoadas e milagres de Maio, como se o sol parasse ali e os lobos se convertecem em místicos cordeiros. Eu passava a ser um homem que renascia com a força de quem rompe as limitações sem precisar de armas que garantissem o direito à vida e não o negassem a ninguém, defendendo a solidariedade na luta do amor. Das nossas mãos, nos nossos

olhos, nos nossos ouvidos em som, em cor e em cheiro uma flor materializava o impossível como se quisessem que uma pétala aguentasse todo o peso do cosmos.

NARRADOR: Ninguém sabia porém o que fazer dela, colhida de improviso como flor insegura na ameaça do vento agreste, passou de mão em mão amarfanhada pela avidez de aguentá-la viva no bafo de boca-a-boca de quem a exibia nos mais despudorados disfarces e oportunismos. Metida na boca de uma espingarda, não tardou a desfolhar-se. E murchou. E o menino descalço do poster que nos bicos dos pés a queria colher consta que morreu, mais pobre e esfarrapado, vítima da mesma fome com que nasceu.

EGO: Mais tarde, na decadência do anoitecer de um verão ardente, estava eu sentado num banco da avenida saudoso da felicidade do sol num mundo frio como este, mas ainda deliciado com a nova sensação da liberdade de existir sem já ser odiado nem jamais odiar, quando o vi. Era ele, desfilando, exaltado, a gritar num megafone palavras de ordem. Balão que se enchia a si próprio de demagogia que soprava, era o pai de M. que ali estava apoplético de amor alardeando toda uma vida de sacrifício e luta pelos mesmos ideais que em mim numa procura raivosa tanto rebuscara e que levaram à prisão e a tortura a tantas pessoas. Parou na minha frente, e num frêmito que me gelou a espinha e incendiou o sangue, eu vi-o encolher-se e recuar dois passos uma serpente cascavel armada para o bote.

NARRADOR: Apavorei-me, eu, não ele. Sentí que me arrancava um pedaço de carne e voltava atrás para consumir a vingança, devorando-a. Mas o pide e o bufo esse berrava agora mil razões de queixa a exigir a cabeça de todos os exploradores e tiranos de que se declarava ter sido mártir em quase cinquenta anos de fascismo. E histérico e rubicundo mostrando uma borbulha infectada que lhe deixara uma espécie de marca postulenta na cara e que exibia como sinal de tortura, aponta-me o megafone da verborreia da mentira e do oportunismo que dispara num escarro de arame farpado que me ensanguentou a cara guinchando violência demagógica para se encobrir, acusava os que ele perseguia, antes que viessem a denunciar-lhe os crimes. “Este é fascista”—bramou a voz de cacique que parecia arder toda aquela multidão— “Vamos a ele! É preciso matar o bicho para que acabe a peçonha”. Tive de fugir à raiva ululante da fera que corria atrás de mim para me linchar ou para me afastar da multidão perante quem eu o poderia desmascarar.

EGO: Pareceu-me então ouvir, turista enganado na própria pátria, a cantiga “Abril em Portugal” desfazer-se na chuva da invernia que desfolhava os cravos do meu pranto.

NARRADOR: Teria de viver de um modo ou de outro sempre no medo, no terror, já que ele nunca saíra de dentro de mim e continuava a devorar-me como um abutre quando o julgava derrotado e para sempre banido? E, o coração arfando no corpo da Terra e nas lágrimas onde nos refletíamos e nos desdobrávamos em imagens repetidas, ladaínhava uma reza de ódio e morte.

“Hei-de matar-te” ... “Hei-de matar-te...”

“Hei-de matar-te...”

(De cada lado da cadeira do espectador e diante dele tinham vindo a crescer bandeiras, flores, cartazes, slogans, comunicados, panfletos, robots, sugestões que se corporizam em objectos e figuras expostos sob focos luminosos, multidões que se entrecrocavam e debatem agredindo como cunhos o espectador num ambiente de delírio de esfuziante comício que passa metamorfoseando-se, desfazendo e reduzindo tudo a um mundo deliquescente de amibas e microcosmos a dividir-se crescer ou diminuir como se todo o teatro girasse num gigantesco caleidoscópio.) Ego incita o espectador à reflexão:—“Já passou pelo mesmo?” “Já o sentaram numa nuvem na ânsia da sua esperança e desfizeram em chuva e relâmpagos lançando-o ao chão, amachucado, destruído, vilipendiado?”

Uma luz individual, projecções, sons e aromas impressionarão o cérebro do espectador e o ajudarão a sentir-se no espaço ou comprimir-se como que esborrachado na cadeira, projectando-o no futuro ou nas masmorras do passado, solução a adoptar para cada caso de acordo com o estudo de psicólogos ou telepatas. Para isso uma voz tão íntima como persuasiva convidá-lo-à insistentemente a rebuscar a memória como num caixote de lixo e tudo no teatro, transformado em tecnologia, de ilusões e da consumo, o ajudará a que se veja, sinta, ria e chore consciente de que o está fazendo de uma projecção deformada de si próprio. Ajudá-lo-emos, pois, a transformar-se, consciente do passado, de algo amorfo, patiene que lhe cresceu no corpo, na pele, a agarrar-se-lhe aos cabelos como liquens e musgo e acordará sob o alarme de um relógio despertador que dá horas por si próprio libertando-se da corda de um subjectivo deus relojoeiro. A linguagem persuasiva que o Narrador-Actor-Criador orientado pela equipa técnico-científica empregará, o poder das suas experiências e sugestões, a generosidade e fraternidade da sua própria dádiva terá de ser dirigida a todos, servindo para cada caso e ajude o espectador a sintetizar a sua própria nave onde flutue por um ilimitado espaço da sua realização.)

UNA VOZ ORIENTADORA: Esta é uma verdadeira história mas não o final de uma vida. Melhor, uma das histórias, já que numa vida há um sem fim de infinitamente pequenos mundos de desejos, anseios e dúvidas, dor, prazer, saturação e indiferença, como um conjunto de minúsculos corpos e anticorpos que se entrelaçam, repelem, se acasalam, anulam e renascem. A vida é orquestra tocando de improviso, sempre com novos instrumentos num coreto e melodia sem espaço e com participação constante do público que vai entrando. Todos que entrarem nesta maravilhosa viagem colectiva poderão subjectivar e materializar a experiência comum. Vamos, pois, acabar esta história com vocês, continuando a do Ego que é a tua, Narrador.

EGO: Caímos já vítima de armadilhas sortilégios e malefícios. Monstrualizámo-nos bastante (A Narrador) Não precisas de ser mais caracterizado sob

pena de te sentires vedeta do infortúnio e da paranóia compadecendo e familiarizando as boas vontades e compaixão que chamas sobre ti.

NARRADOR: Não. Repudio as boas vontades e a compaixão e o teu paternalismo moralista e tiranizante. Preciso de continuar a besta imoral e egoísta que sinto ainda viva dentro de mim para retalhar-me na dor e na fantasia da irreabilidade sem deixar um pedaço de carne intacta—talvez esta maceração da consciência ajude quem o quiser ou necessite. Descerei de degrau em degrau já que não sou capaz de matar o pide agora revolucionário, eu que tanto gostava de o rasgar, amar fanhando-o como papel higiênico usado. Assumirei, pois, no palco da vida alguns papeis que não serão talvez meus, mas em compensação, eu sei, para esta fraqueza terei de me destruir a mim próprio. Ao resvalar no ódio como como se pisando um pedaço de sabão deslizesse pela sede de vingança e perversão, poderei estrangular todas as prostitutas da minha vida vendo nelas o corpo e a cara e a frieza das cruéis amantes. (Ego mostra-se enojado). Porque não beber o último fel e, violentar, no sonho da miséria de rato encurralado, um asqueroso e servil sogro que para evitar e saciar o meu ódio por ele, a mulher e a filha, e que por não me saber capaz de o concretizar, me trará prostitutas para que matando-as o faça pensando que os mato a todos eles.

EGO: Rebenta, então, para aí nessa burguesa e monstruosa moralidade! Justifica os desvaios e os crimes até das tuas perversões cerebrais em nome do amor e na desculpa do ódio. A verdade é a coragem de enfrentar o terror do desconhecido, da superstição e do fanatismo sem se comprazer nos malabarismos esotéricos. E compreender o mundo, a realidade completa na plenitude das suas contradições e enigmas, é, sem o destruir a urgente e dramática necessidade do homem. Ouve-me bem, ainda é tempo antes que caias nos abismos da loucura delirante e o teu cérebro se transforme no teu sexo: queres perder, perdendo-te de mim e perdendo-te dos outros?

UMA VOZ (insurgindo-se de vários pontos no seio dos espectadores): Havemos de pôr fim à miséria moral responsável por tantos dramas iguais ou mais lamentáveis ainda do que a história do perverso Narrador. Desejamos ouvir outra voz que nos mostre como a vida pode ser diferente, que saiba fazer melhor uso dela. Que venha outra voz ... que fale outra renovadora voz ... Cale-se o Narrador. Falem-nos de realidade e esperança. Calem-se todas as vozes de latrina.

(Durante esta fala Narrador mostra-se abatido, baixando a cabeça).

VOZ EM RESSONÂNCIA CÓSMICA: É necessária, urge, uma nova, mais sã e outra história, um mais são, novo e outro homem, um outro mais novo e mais são mundo em que não haja lugar para tiranos, polícias, a tortura, a traição e a mentira, a tecnologia incontrolada, o exército e todas as fronteiras. Há que rasgar as roupagens da hipocrisia, do egoísmo e do medo, das limitações constitucionais a que o homem e os seus deuses se atam. A nossa revolta e nojo já vomitam o arame farpado que morde a terra e nos cerca,

dilacera, limita e corrói também por dentro. Levantemos as nossas forças no aço de uma forja livre e comum soprando o fogo dos nossos ideais com a lufada pura da natureza. Lutar pelo Amor é a primeira e única lei. A luta contra as trevas e a vitória esmagadora do renascer do sol.

EGO (reaparecendo das sombras): Será possível redimir-me, (Apontando o Narrador) liberto do meu próprio rastejar? Ser outro, integrado noutra Narrador?

NARRADOR: Pronto e eu calo-me, anulo-me. Acabo esta história como a curva que se fecha em círculo. E com a tua e a vossa ajuda, porque não?, tenho ainda a esperança de poder projectar-me além da esquizofrenia que sou e do espaço miserável que ocupo. (Divagando, sonhador) Compreender, por fim, que é de Amor que um planeta atrai outro para a sua atmosfera, que por ódio a Lua se separou da Terra e no Amor se fez a Natureza e é ainda por ele que Deus se assemelha e não se sobrepõe a uma borboleta, e podemos querer tanto à beleza de uma pedra, como à de uma folha de árvore, ou no amor duma molécula encontrar a galáxia em que vivemos...

EGO: Nefelibata! Sempre o mesmo lunático sonhador, sempre a fuga à realidade! Fraqueza que tenho de suportar até ao limite das forças que arrasto na velhice. Sim, não quero perder-te. És a minha herança. Mas do sonho acordaremos na alvorada da realidade que já hoje aqui desponta. Vem. Sou eu a tua anti-matéria, o teu negativo eu que te guiará. Vem.

(Ego e Narrador abraçam-se e transformam-se num fulgor explosivo de sol nascente que enche de reverberos e cintilações do amanhecer todo o teatro.)

VOZ (em ressonância cósmica): Somos o barro que se anima multiplo, eterno, generalizado, num ser não corrompido, fruto da interioridade e da razão de todos nós, mundo sem cemitérios de lata, sem tecnologias monstruosas e aniquiladoras para que os que vierem nos continuem. Convidamos, todos, antes de se disporem a sair que meditem sobre a sua própria consciência reflectida como imagem colectiva no espelho translúcido e ao mesmo tempo opaco da sua natureza de barro e o último a partir, que feche, no seu isolamento egoísta, se tiver coragem, a porta do teatro, da rua e da Natureza.

(No teatro que como está dito não acaba porque a peça não tem fim ficarão e entrarão todos os que no intervalo dos sucessivos espectáculos junto do bloco de barro quiserem trocar sugestões e trabalhá-lo dando razão ao seu instinto de amor creativo.)

